

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini.

Escriptorio e redação - Largo da Carioca N.º 4
(Sobrado)



— Cala essa bocca, diabo! Vendam seus bilhetes de loteria, mas não berrem deste modo!

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE áquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como áquelles que ainda estavam em atrazo.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

RIO, 7 DE OUTUBRO DE 1899.

NO ESTRANGEIRO

CORRESPONDENCIA ESPECIAL DO — D. QUIXOTE

ITALIA

Em Roma. Os apologistas de Crispi preparam-se para festejar os seus 80 annos, como prova de admiração ao grande estadista italiano, possuidor do maior talento politico e do mais basto e alvo bigode de toda a Italia.

Mas, como nem todos os romanos têm a mesma opinião acerca das qualidades politicas e bigodescas do illustre estadista, os adversarios d'este resolveram fazer uma contra-manifestação, protestando contra a politica crispiniana e egualmente contra a admiração dos seus bigodes, verdadeira falta de respeito aos do Humberto I, rei da Italia, que, além de os ter muito maiores e tão alvos, herdou-os juntamente com a corôa, do seu illustre e real pac, o rei galantuomo e possuidor dos maiores bigodes do mundo!

SS. o Papa, apezar dos constantes telegrammas que o dão como doente, goza da mais perfeita saude, devido á mumificação de seu estado pergaminhoso, ameaçando assim os cardeaes candidatos de viver ainda longos annos.

HESPANHA

O governo hespanhol continúa a ter mensalmente cinco a seis crises que todavia não são mortaes, pois que o Sr. Silvela ainda continúa no governo, apezar de já ter dado outras tantas demissões mais ou menos collectivas, pelos constantes desacor-

dos entre seus ministros das finanças e da guerra, sobre questões do orçamento.

E' sabido que essas crises dão em resultado o Sr. Silvela mudar de ministros como quem muda de camisa.

A rainha Maria Christina, cansada de aturar todos esses velhos generaes e chefes politicos que não se entendem, fugiu para a cidade balnearia de S. Sebastião, afim de repousar o seu espirito das massadas e impertinencias dos Silvelas, Pidal, Martinez Campos, Polaviejas, Robledas e outros hidalgos, mas nem assim!

Diz um telegramma do dia 28:

« Em consequencia do desacordo entre os ministros das finanças e da guerra, relativamente ao orçamento, o Sr. Silvela, presidente do conselho, entregará amanhã o pedido de demissão collectiva do gabinete á rainha regente. »

Diz outro telegramma do dia 30:

« O Sr. Silvela teve nova conferencia com a rainha regente em S. Sebastião, informando-a sobre os motivos da crise e propondo a modificação do gabinete.

Conferenciando em seguida com o marechal Martinez Campos, o Sr. Silvela offereceu-lhe a pasta da guerra. »

Por ahi vê-se que o tal marechal que substituiu o ministro da guerra, é mais uma camisa que o Sr. Silvela mudou.

Em que ficou, pois, a tal demissão collectiva que elle fôra levar á rainha, como se vê pelo telegramma de 28?

Naturalmente esta lhe disse:

—Sabe o que mais, Sr. Silvela, eu estou aqui para descansar e tomar banhos; não me amole mais com suas mudanças de ministros, com suas crises e com sua politica! Deixe-me em paz pelo amor de Deus!

Por outro lado vê-se que o catholicismo soffre profundos golpes, o que deve ser considerado um caso grave!

Telegrammas de Cadiz dizem terem havido n'essa importante cidade grandes manifestações publicas contra os catholicos, o que deu causa a graves desordens e á intervenção da policia, que as reprimiu.

Taes symptomas da parte do povo hespanhol, e sobretudo na bella Andaluzia, devem dar que pensar aos estadistas que governam actualmente a Hespanha.

Si todo o povo hespanhol se compenetrar que a maior causa de seus desastres e da perda de suas possessões colonias é devida á retrograda e pernicioso influencia que sempre exerceu o clero, este, com certeza, corre o risco de passar um máo quarto de hora!

Si um dia a Hespanha tomar contas

ao clero, responsabilizando-o pelos horrores commettidos no tempo da inquisição, dos Torquemadas e outros, sob o reinado do grande, porém muito fanatico Philippe II, os padres e frades se verão em serios apuros!

Entretanto, poderiam salvar-se entregando parte de seus bens e de suas riquezas para auxiliar poderosamente a patria na crise economica por que passa, e que lhe permittiria pagar todas as suas dividas, restabelecer as suas finanças e fazer ainda da bella Hespanha uma grande e prospera nação.

Mas... n'essa não cáem elles! E' mais facil sujeitarem-se a levar muita pancada, a serem expulsos e até esfolados, pois sempre preferirão que lhes tirem antes a pelle do que os cobres!

E dizer que todos os padres catholicos são assim!...

INGLATERRA

Telegrammas vindos pelo cabo transatlantico e procedentes do Cabo da Boa Esperança dizem estarem os boers resolvidos a ir ás do cabo dando cabo de todos inglezes, o que esperam conseguir ao cabo de pouco tempo, liquidando-os todos de cabo a rabo.

Esta pretensão não é de cabo de esquadra, pois que os ultimos telegrammas da mesma procedencia dizem o seguinte:

« Os boers atacaram Dundee, na fronteira do Natal, tomando a povoação depois de renhido combate. Os inglezes resistiram valentemente deixando no campo da acção 37 mortos.

Isto causou grande agitação popular em toda a Inglaterra!

As ultimas noticias do que se passa no sul da Africa são da maior gravidade.

Vê-se, portanto, que os inglezes e os boers já se pegaram.

O sangue vae correr a jorros!

As armas mais aperfeiçoadas serão experimentadas n'essa carnificina humana e escolhidas as mais mortíferas!

Oh, seculo das luzes! E falla se em humanidade!

E isto logo depois da conferencia da paz na Haya, onde todas as nações enviaram seus emissarios para tratarem do desarmamento e da conveniencia de decidir as questões internacionaes por meio de arbitragem!

Oh, comedia! Oh, pilheria!

E é assim a humanidade!

Sempre cheia de boas tenções mas não passa d'isso!

Muitos milhares de individuos, sacrificados á ambição politica das nações, lá ficarão estendidos no solo africano, regado-o com seu sangue!

E essas mesmas nações, a nossa inclusive, andam com medo da peste bubonica!

E por causa d'ella fecham-se os portos, estabelecem-se cordões sanitarios, incommodam-se os viajantes, interrompem-se os negocios, arruinam-se o commercio e as industrias e gastam-se quantias fabulosas em lazaretos que se preparam e outros que se constroem, para evitar que a tal senhora peste, que não requereu licença ás nações civilisadas para matar, venha fazer-lhes concorrência na horriavel hecatombe que se chama guerra!

Pelos ultimos telegrammas, parece que a guerra ainda não está de todo decidida e que não é exato ter havido combate em Dundee.

Ainda bem.

O Conde de Muzawieff, a mando do Czar, procura impedir a guerra aconselhando a Inglaterra a recorrer á arbitragem.

Comprehende-se que o imperador da Russia, tendo promovido a conferencia da Haya para o desarmamento e tratar das questões internacionaes sem ser por meio das armas, assim proceda.

Que Marte e Bellona se recolham aos bastidores, é o que sinceramente desejamos.

PORTUGAL

Continúa a peste bubonica a incommodar os habitantes do Porto e arredores. A maldita parece ter gostado da cidade e não dá ares de querer pôr-se ao fresco. Também não é tão feroz como dizem, pois que não são muitas as suas victimas.

O que irrita sobremodo os portuenses é o tal cordão sanitario, que os impede de sahir e paralysa completamente seus negocios.

Si escaparmos da febre não escaparemos da ruina si isto continuar por mais tempo, escreve-nos um d'elles. A causa dos nossos males é o governo e não a peste.

Como é que esta pôde sahir da cidade e livrar-nos da sua presença si o governo a impede com o tal cordão sanitario de soldados armados até os dentes! Que o diabo leve tanto a peste como o tal cordão!

PAULO KRUGER

PRESIDENTE DA REPUBLICA TRANSWAAL

Da Gazeta de Noticias

«O Sr. Paulo Kruger não tem mais idade do que o paiz que governa.

Nasceu a 25 de Outubro de 1825 na colonia do Cabo; seus paes foram os primeiros que abandonaram a terra de seus maiores, iniciando o grande exodo para o norte a subtrahir-se á dominação dos inglezes.

Paulo Kruger, criança ainda, resistiu aos combates que o seu povo sustentou contra os zulús e as feras. Aos 17 annos era já *feld-cornet* e desde então tomou parte em todas as guerras da independencia.

Mas os seus principaes serviços foram no terreno da diplomacia. Kruger não tem a elegancia nem a finura dos homens politicos da Europa. Em um salão diplomatico moderno, o boer Paulo Kruger com o seu ar patriarchal e sua physionomia de velho campones faria uma figura quasi ridicula. Porém quanto á intelligencia e astucia, o presidente do Transwaal poderá competir com o diplomata mais fino e insinuante.»

O GENERAL JOUBERT

COMMANDANTE GERAL DAS TROPAS TRANSWAALIANAS

Do mesmo collega:

«E' a segunda autoridade da Republica do Transwaal o commandante geral das tropas transwaalianas. Esse cargo tem real importancia, porque si o exercito effectivo da pequena Republica é diminuto, os boers são o modelo de um povo armado.

O exercito em tempo de paz compõe-se unicamente de um corpo de artilheria de 400 homens e uma centena de auxiliares, telegraphistas e engenheiros.

Porém cada boer é soldado desde os 16 até os 60 annos.

A artilheria foi organizada por um official austriaco; todas as tropas boers são montadas, mas ha tambem varios corpos especiaes de cavallaria. O mais importante d'esses corpos é o de Pretoria, que se compõe dos filhos das principaes familias do paiz.

O general Joubert, além de commandante geral do exercito, é o principal auxiliar do Sr. Kruger na administração da Republica.»

NOTAS FALSAS

Varios italianos, possuidos de sentimentos altamente patrioticos, quizeram dar uma prova patente de quanto se interessam pela prosperidade d'este paiz, não pelo lado agricola, mas pelo economico, pelo financeiro, pelo resultado immediato.

O trabalho é considerado por elles como uma futilidade, tanto applicado á industria como á lavoura, ás artes como ás sciencias.

A verdadeira sciencia, na opinião d'esses respeitaveis cidadãos, consiste em fazer fortuna o mais rapidamente possivel.

Qual o meio? Juntar o mais depressa quantidade d'aquillo com que se compram os melões.

Roubando? Oh, não! isto é feio e só serve para vulgares gatunos. Os cidadãos a que nos referimos são incapazes de servir-se d'esse meio tão reprovado!

O que houve foi o seguinte:

Ha bastante tempo que elles observam que os negocios vão mal e que a queixa da falta de dinheiro ainda é maior do que a da falta d'agua.

Para esta a Divina Providencia condóe-se, e, attendendo aos nossos soffrimentos, beneficia-nos com uma emissão do precioso e crystallino liquido, com tanta fartura, ás vezes, que chega a enfastiar-nos de véras e gritamos: Basta!

Para a falta de dinheiro o Sr. Dr. Murinho, que é quem faz de Divina Providencia no nosso Thesouro, mantem-se surdo que nem uma porta a todos os clamores contra a falta do precioso metal (em papel) e... oh cumulo da perversidade! queima em verdadeiros autos de fé (financeira), como no tempo da inquisição, milhares e milhares de contos de réis!

Mais de quarenta mil contos sahiram assim da circulação!

Foi isto que commoveu os benemeritos italianos!

Resolveram, pois, repôr em circulação notas de 200\$, 100\$, 50\$ e 20\$ para bem de todos em geral e para o d'elles em particular.

Estes homens são como certos actos que não se commentam; pega-se n'elles e mettem-se logo na cadeia!

São benemeritos demais!

BAILE DO CASSINO

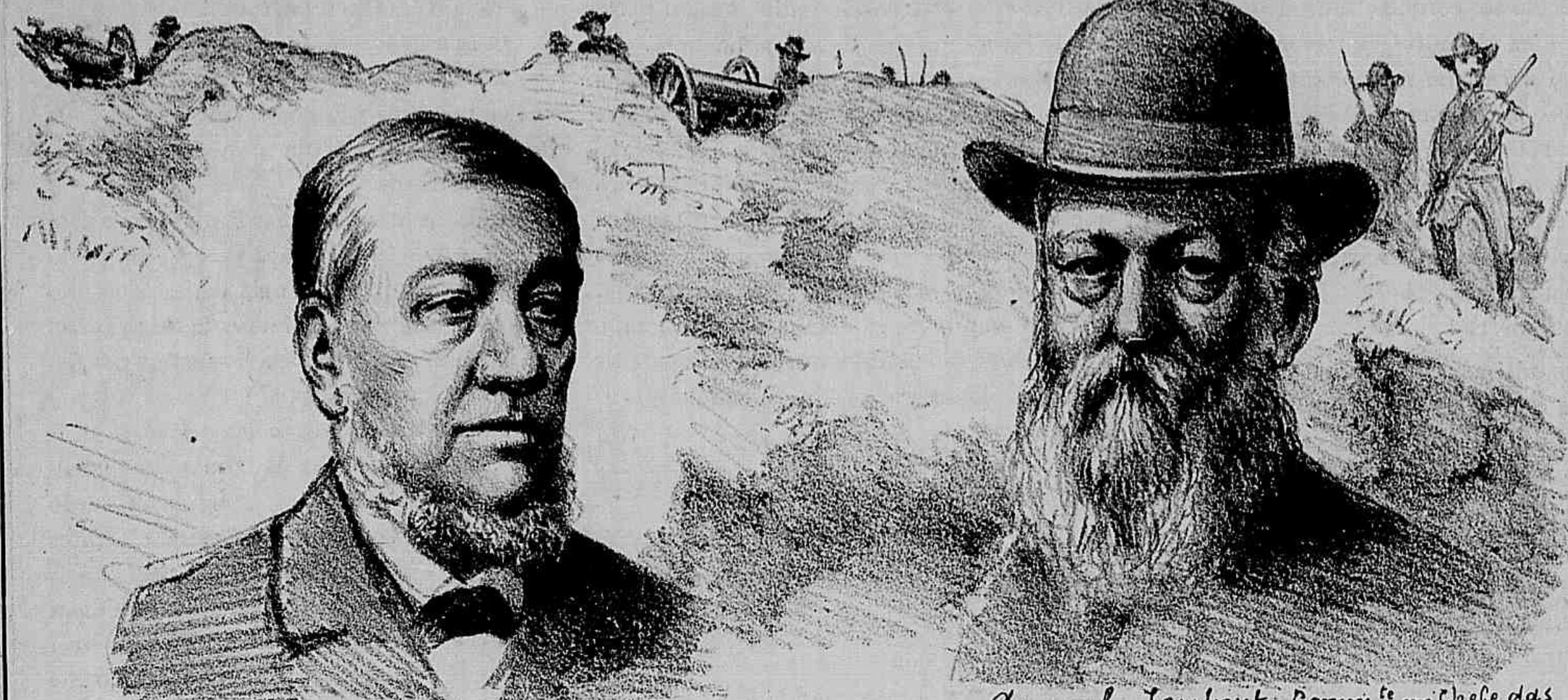
Despediu-se da sociedade fluminense do modo o mais festivo o Dr. Luiz Vianna, que embarcou para a Bahia na quinta-feira depois de ter assistido ao baile do Cassino, ultima prova de apreço que lhe deram seus numerosos amigos e admiradores e os bahianos aqui residentes.

Entre os senadores, deputados e outras pessoas gradas que tomaram a iniciativa d'essas honrosas manifestações ao illustre governador do Estado da Bahia, destacam-se os Srs. Arthur Rios, Dionysio Cerqueira, M. J. Alves Barbosa, Eduardo P. Ramos, F. P. de Carvalho Aragão, A. Neves da Rocha, Luiz A. Ferreira de Almeida, João do Rego Barros e Honório Ribeiro, que fizeram parte da commissão organisadora do grande baile.

A viagem do Dr. Luiz Vianna a esta capital e aos Estados de S. Paulo, Minas Geraes e Rio de Janeiro foi verdadeiramente triumphal!

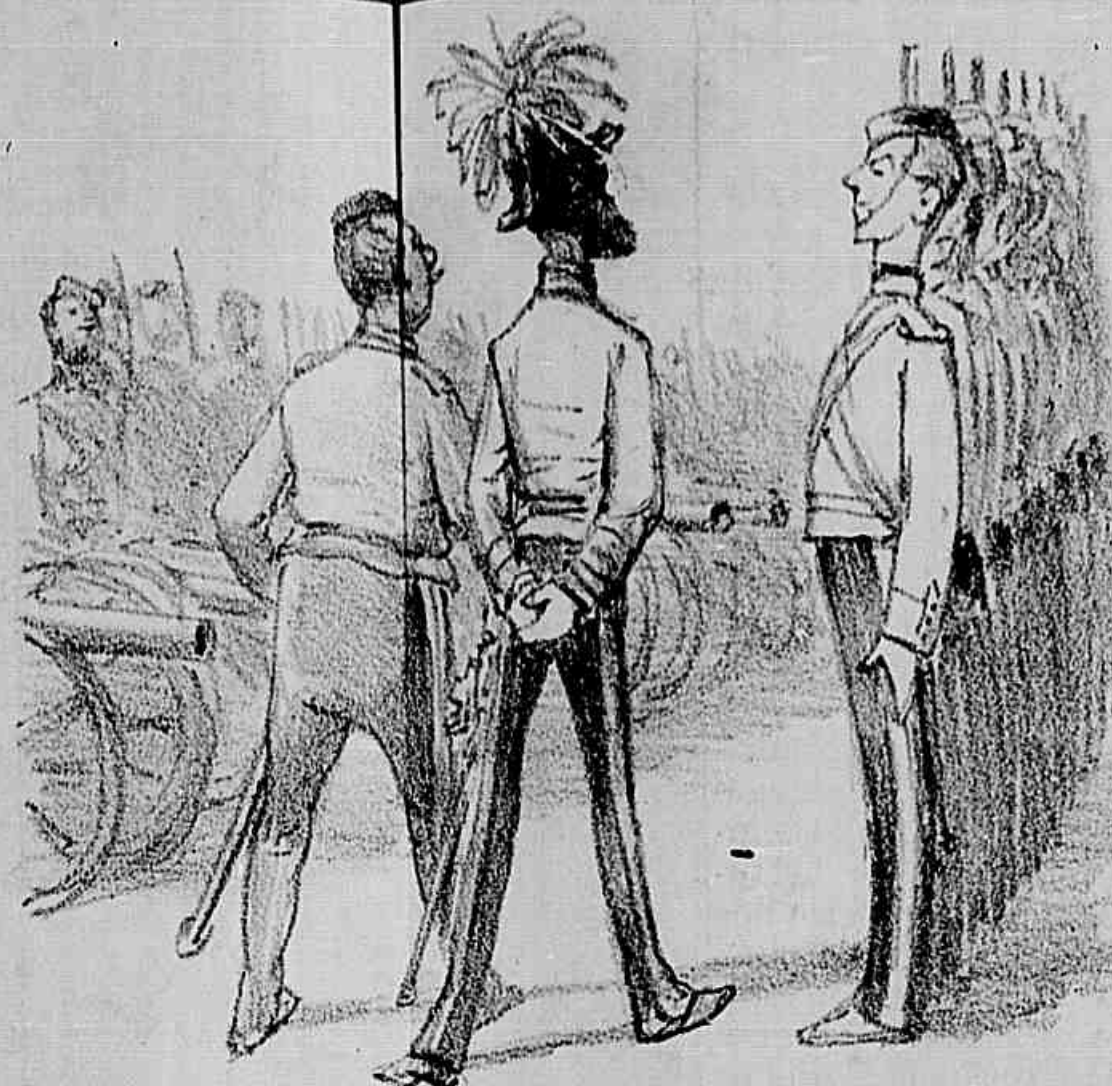
Foram tantas as manifestações de apreço que sua Ex. colheira que as guardará sempre gravadas em seu coração.

No estrangeiro.



Paulo Krüger
Presidente da Republica do Transvaal.

General Joubert. Comandante em Chefe das
forças transvaalenses, já prontas para atacar os
ingleses.

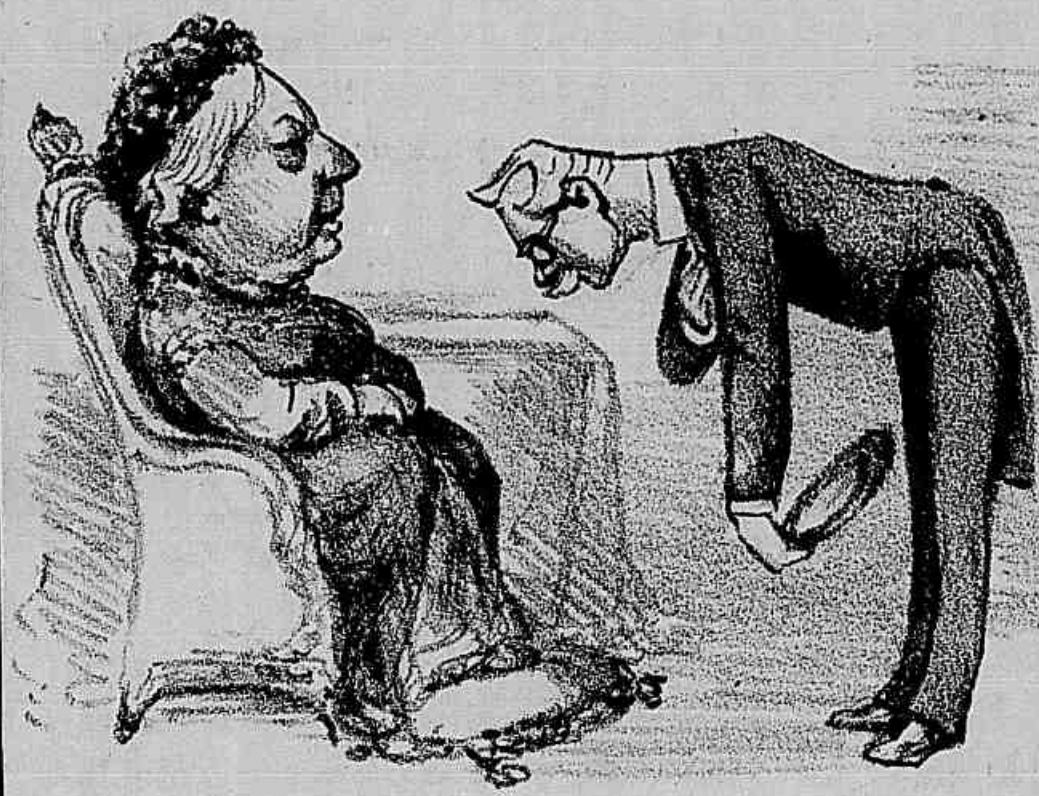


Na Inglaterra as tropas britannicas tambem
estão prontas para ir ao Transvaal dar
cabo dos boers.

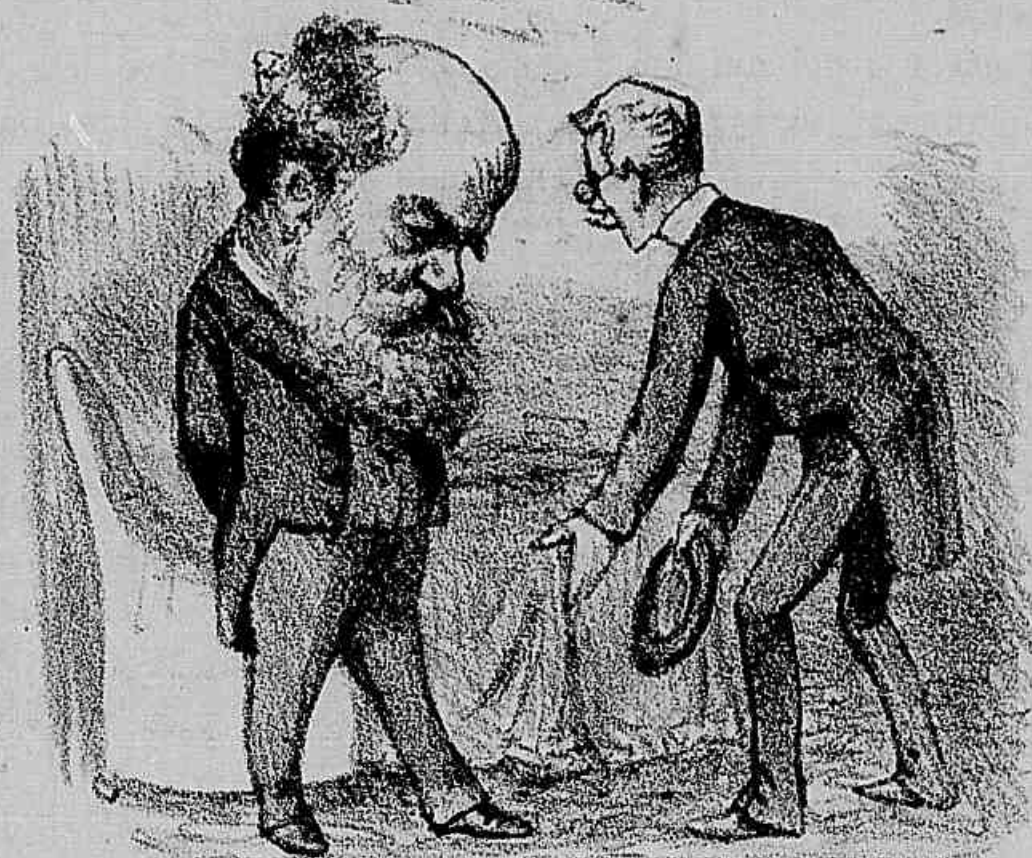


O Czar está furioso, por ver
nessa guerra a maior descon-
sideração a Conferencia da Haya,
sobre a paz e o desarmamento.

Por isso encarregou seu ministro Mourawieff de
intervir com a mais energica diplomacia antes que os
contendores se peguem.



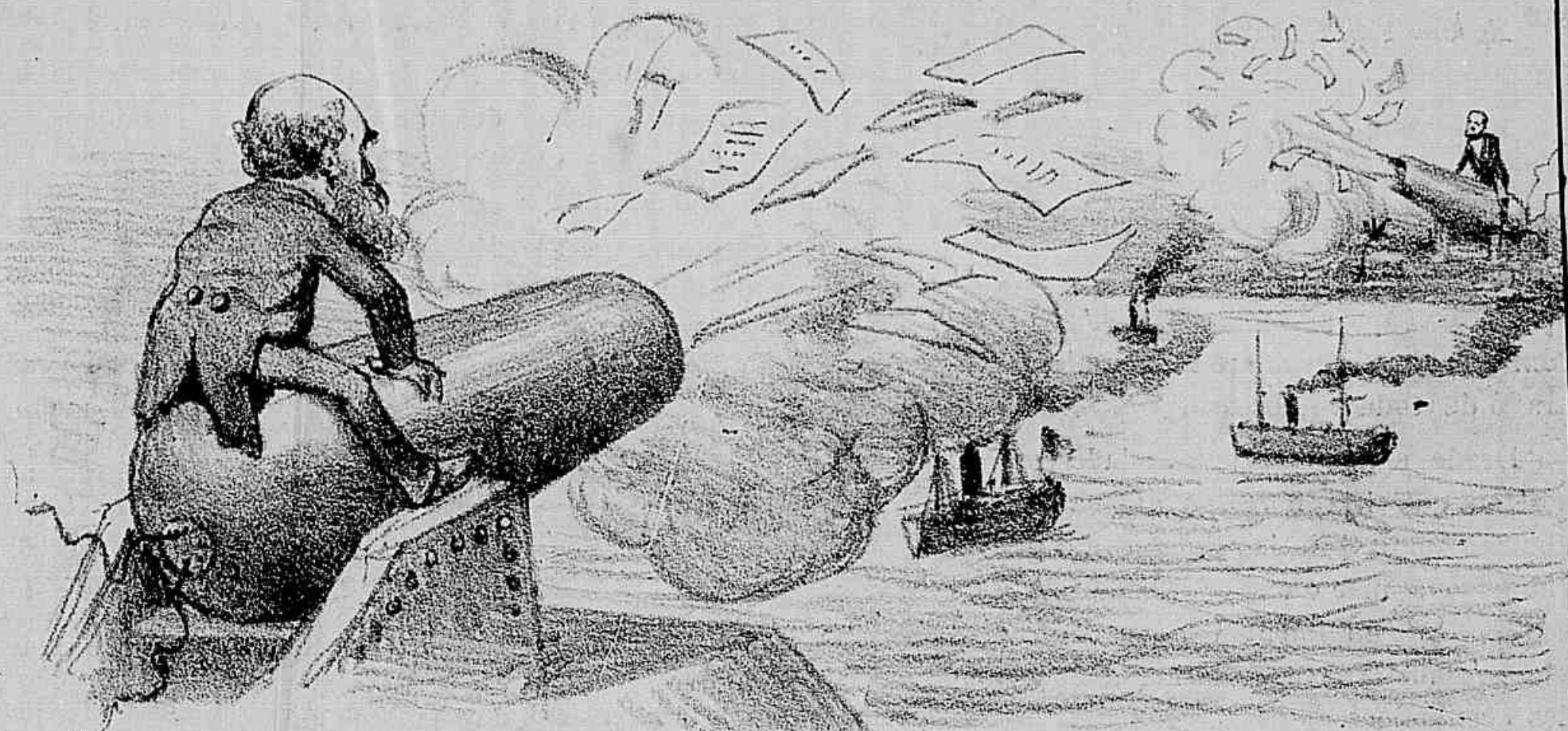
O conde de Mourawieff apresentou-se então á rainha
Victoria, que declarou não ser de seu gosto tal guerra
e que fosse vir Lord Salisbury.



Este, depois de bem pensar, concordou na
possibilidade de entrar n'um accordo, pois que
não é muito de seu gosto brigar com aquella
gente.



O conde tambem foi á S. Sebastião, onde se acham
tomando banhos a rainha Maria Christina e o seu real
pimpolho. Essa visita foi apenas um acto de cortesia.



Supõe-se, portanto, que se houver bombardeio será de
telegrammas e notas diplomaticas, de parte a parte.



Em Cadix, os hespanhões deram prova do maior
acatamento aos Reverendos, correndo-os á pedradas!



Na Italia, os Sicilianos festejam o anniversario
do patricio Crispi que, colhendo mais um anno
no... inverno da sua existencia, attingio 80 annos!



Em Portugal, os portuenses estão desesperados com a permanencia da peste bubonica e do cordão
sanitario, que lhes causam graves prejuizos! — Ora, faça favor de dizere: bae ou não bae embora?!!
— Ora muito obrigado! Pois vocês não vêem que o tal cordão sanitario foi posto ali para impedir-me de
sahir da cidade? Como posso ir embora!?

ANNIVERSARIOS

Tres collegas colheram (é a chapa) mais um anno na ardua e laboriosa tarefa da imprensa.

A CIDADE DO RIO

Este jornal da tarde fundado em 1887 e á testa do qual está sempre o ardente e fogoso José do Patrocínio cuja eloquencia, tanto na tribuna como no bico da penna, quer para louvar quer para descompôr como no tempo da abolição, é de se lhe tirar o chapéo, completou no dia 28 de Setembro 12 annos de idade. Tiramos o nosso, mas é para o cumprimentar e desejar-lhe longa vida, apesar do collega ter declarado que ella está por um fio... de punhal assassino!

Não é possível!

O PAIZ

No dia 1 de Outubro este nosso collega fez 16 annos.

Bella idade!

Vimol-o nascer assim como todos os que se publicam e se publicaram n'esta capital, ha mais de 30 annos!

Já se vê que não fallamos do *Jornal do Commercio*, verdadeiro Mathusalem e tataravô de toda a imprensa.

Desde a sua mais tenra idade *O Paiz* mostrou que iria longe, o que não é para admirar sendo Quintino Bocayuva o pae da criança e a mãe o então Visconde de Mattosinhos, que o alimentou com o maior desvelo fazendo-lhe sugar os melhores principios economicos.

Com taes paes era natural que o collega, tanto pelo lado intellectual como administrativo, se tornasse forte e robusto como o é hoje e como o será sempre.

O artigo intitulado *O Paiz*, que sahio publicado no dia de seu anniversario, é tão digno, tão nobre, mostra sentimentos tão elevados que ao lê-lo não pudemos deixar de exclamar: Bravo!

Quem faz *amende honorable* por esse modo, engrandece-se e eleva-se na opinião publica, desfazendo de uma vez qualquer má impressão causada por apreciações menos justas sobre questões politicas, em que mais ou menos quasi todos escorregam.

Ao sympathico *O Paiz* um bom aperto de mão, e os nossos sinceros parabens pelo real serviço que presta á pobreza na sua importante secção a *Caridade*.

N. B. Não temos por habito engrossar, mas o que fazer si o collega obrigou-nos a isso...

A IMPRENSA

Este nosso collega fez apenas um anno no dia 5 d'este mez, mas é um anno que vale por muitos. Ha jornaes que nascem logo feitos e á *Imprensa*, de Ruy Barbosa, succedeu o mesmo que ao *Paiz*, de Quintino Bocayuva, que tambem nascera feito; o publico acolheu-a logo com grande jubilo.

Vê-se, pois, que a importancia de um jornal, a sua força, o conceito em que é tido, a sua influencia na opinião, tudo emfim está em quem o dirige.

Si a *Imprensa* é um jornal novo, o seu redactor chefe é um jornalista velho.

Quando o publico pede a *Imprensa*, não é o jornal que elle lê logo, é o Ruy Barbosa; quando este não escreve, fica todo amuado.

E' muito duro ter-se talento n'esta terra! Ha homens d'estes entre nós que não têm o direito de descansar nem de adoeecer!

E' o que deduzimos do artigo sob o titulo « O nosso anniversario. »

O collega não deve desanimar nem dar importancia aos mexericos e intriguinhas a que allude.

Isto é proprio da nossa terra.

Fazendo sinceros votos para o prompto restabelecimento de seu illustre chefe Ruy Barbosa, desejamos á *Imprensa*, que tão bons serviços presia, longa e prospera vida.

ESCREVEM-NOS

Não é só ao grande órgão que escrevem. Escrevem-nos:

« O *Jornal do Commercio* é sem duvida um dos órgãos mais importantes da America do Sul. Suas correspondencias são interessantissimas, suas transcripções variadas e muito instructivas, a parte commercial muito importante e completa, seus annuncios... a cousa mais extraordinaria, tal é a quantidade!

Mas... a não ser esta secção, em que se vêem letras de todo feitio e tamanho, algumas até garrafas, o resto não se pôde ler! E' verdade, senhores, não se pôde ler!

O Sr. Dr. Carlos Rodrigues e o seu sympathico gerente João Lopes, que não poupam esforços nem meios e, sobretudo, papel na publicação de tão importante órgão, são, entretanto, tão avaros e tão mesquinhos na qualidade da tinta de impressão — por demais pardecinta, que desafia-se a quem tiver melhor vista a ler o *Jornal do Commercio* á noite sem o auxilio de uma lente.

Como em geral quem assigna esse jornal é o commercio, este não tem tempo durante o dia de ler sinão a parte que interessa o seu negocio.

Pedimos-lhe, portanto, lembrar ao seu collega que, juntamente com as folhinhas distribuidas annualmente, entregue tambem oculos, pince-nez ou lentes a seus numerosos assignantes.

Ou, então, o que será talvez mais facil e economico, recommendar a quem imprime

a folha empregar tinta menos ordinaria e mais preta, que facilite a leitura.

Sem mais aquella... etc.. etc..»

Seguem-se 13.459 assignaturas dos nossos mais importantes negociantes.

O pedido está feito e não temos duvida que o collega attenderá a tão justa reclamação.

A FERRO CARRIL CARIOCA

Outra reclamação não menos justa e egualmente facil de attender.

Escrevem-nos:

« Os abaixo assignados, habitantes de Santa Thereza, desde o Curvello até o Sylvestre, nacionaes e estrangeiros, capitalistas e negociantes, doutores das tres categorias, medicos, engenheiros e advogados, empregados publicos e do commercio, quasi todos paes de familia e gozando a maioria dos abaixo assignados de todos os seus direitos civis e politicos, protestam energicamente contra o vexame a que os sujeita o gerente da Companhia Ferro Carril Carioca, que os expõe a fazer involuntariamente o papel de bichos engaiolados, quando esperam o bonde electrico na estação do largo da Carioca, o que se poderia facilmente evitar si não fosse a má vontade do Sr. Eduardo dos Santos e o firme proposito que elle fez de amolar os passageiros.

Pedimos, pois, a sua intervenção para que cesse tal vexame.»

Segue-se grande numero de assignaturas.

Na verdade poder-se-ia bem evitar não só o incommodo de estar encostado á grade como tambem o de ficar esperando em pé o bonde 20 minutos e ás vezes meia hora.

Pelo modo como está dividida a estação, parece-nos que a melhor ordem poderia haver na occasião dos passageiros tomarem o bonde. Este não pôde ter sinão uma lotação certa, pois que não é possível nem é permittido viajar nos estribos.

Logo que o bilheteiro visse pelo numero de bilhetes vendidos estar completa a lotação, não deveria vender mais passagens. Os passageiros retardatarios têm a primeira sala que dá para a rua, onde ha bancos para poderem esperar sentados a chegada de outro bonde.

Os que já estivessem na segunda sala, onde tambem ha bancos para commodamente esperar o carro, poderiam logo que este chegar, e sem a menor precipitação, tomar os seus respectivos logares.

E assim fica resolvido o problema. Pois não é tão facil?

Já verbalmente fizemos estas observações ao gerente cuja actividade e zelo todos reconhecem, mas nem por isso deixou de conquistar as maiores antipathias da parte do publico por outros factos concernentes á administração e, sobretudo, pelos vexames a que o sujeita.

Nada diremos sobre os preços das passagens, que não são, como alguns dizem, excessivos. Não se pôde ter um melhoramento d'esta ordem sem pagar o que elle vale.

Quanto ao negocio da estação da Carioca a que acima me referi, veja o Sr. Dr. Eduardo dos Santos o que presenciámos um dia em que o publico indignado e nós egualmente o mandámos para o inferno, acompanhado de energicas e varias descomposturas!

Era um domingo; na estação havia mais de 60 pessoas á espera do bonde e

apinhadas contra a grade. Entre ellas uma familia composta de seis pessoas, sendo tres meninas, um rapazinho e seus paes. Todos muito satisfeitos, sobretudo as crianças pelo passeio que iam dar ao Sylvestre, esperavam pacientemente, apezar de meio esmagados pelo aperto e quasi suffocados pelo calor, que chegasse o momento de abrir a grade para correrem a tomar logar.

Veio o bonde e poucos momentos depois abriu-se a tal gaiola e aquella massa precipitou-se, qual onda de mar encapellado, sobre o electrico, que em menos de cinco segundos ficou repleto de gente.

Duas pessoas da familia, não tendo podido alcançar um logar, as outras quatro apearam e esperaram assim como nós e outros a chegada de novo bonde. D'esta vez, porém, estavam garantidos; achando-nos fóra da grade, occupariamos os primeiros logares.

Chegou outro bonde e saltaram os passageiros que trouxera.

O conductor não tratou de virar os bancos, primeira cousa que deveria fazer, cuidou unicamente de mudar a alavanca do fio electrico; nós, os passageiros, é que tivemos de viral-os para não irmos de costas.

A famosa grade abriu-se e nova onda, ainda mais impetuosa do que a primeira, cahiu sobre o bonde estabelecendo a maior confusão, ficando separados todos os que iam juntos, as mães dos filhos, os maridos das mulheres, os primos das primas e até os embrulhos de seus possuidores; vimos um queijo do reino e outros objectos empacotados rolaem por baixo do bonde.

O que infelizmente causou-nos profunda magua, o que realmente entristeceu a todos, que unisonos se ergueram de seus bancos, como se fossem movidos por uma mola, foi um grito dilacerante de criança!

N'aquella lufa-lufa, na tal precipitação em tomar os logares de assalto, com o virar um banco a pobre criança ficou com uma das mãos esmagada!

Toda a familia apeiou e o pae, tomando logo a menina afflicto, afflictissimo, examinou aquella mãosinha ensanguentada? O pobre homem estava pallido! A mãe, com os olhos rasos de lagrimas, beijava sua filhinha cujas lamentações de dôr dilaceravam-lhe o coração, e as outras tres crianças, grupadas em torno dos paes, choravam silenciosas e afflictas do que acontecera á maninha!

Esta scena commoveu-nos e apeámo-nos do bonde, que seguiu logo viagem para o Sylvestre, onde essa pobre familia contava passar a tarde alegre e contente.

Acompanhando-a até a mais proxima pharmacia, onde se fez o primeiro curativo, despedimo-nos d'aquelles desolados paes e intoriamente mandámos para o inferno o Sr. Eduardo dos Santos, a quem melhor cabe o nome de Eduardo dos Diabos!

D'AQUI E D'ACOLÁ

EM UM CAFÉ

Ao sahir, um freguez procura debalde o seu chapéo e dirigi-se ao criado, que com máos modos responde:

— Eu sei lá de seu chapéo! Eu não o comi!

— Quem sabe?... Não seria para estranhar, o meu chapéo é de palha!

ESCOLA AGRICOLA

— Como distingue uma pereira de uma macieira?

— Pelo fructo.

— Mas quando a arvore não tem fructo?

— Então espero que os tenha!

OS CRIADOS

— Que é isto, João?! Estou realmente surprehendido de te ver assim fumar os meus melhores charutos!

— E eu ainda mais, patrão, de vel-o chegar n'esta occasião.

CRIANÇAS TERRIVEIS

— Vou pedir a papai que me compre uma boneca.

— Mas já tens uma que ainda está em bom estado.

— Eu tambem estou em bom estado; entretanto, mamãi fez-se presentear com outra menina pelo papai, não ha dois mezes!

CARREGADORES

— Pois o senhor não vê que esse homem já está gemendo sob a carga que leva na cabeça?! Para que arrumar-lhe mais peso ainda?

— Que tem o senhor com isso? O senhor é alguma autoridade?

— Não, senhor, mas protesto como membro da Sociedade Protectora dos Animães!

Elvira — Olha, Alice, seu Ernesto está vindo para o nosso lado e eu sei que vocês se namoram.

Alice — E' mentira!

Elvira — Si não me deres aquelle vidro de cheiro que te pedi, eu não saio do pé de vocês.

THEATROS

Quasi que nem vale a pena fallar-se n'elles; são tão poucos os que actualmente deleitam o respeitavel publico...

As companhias lyrica e dramatica italianas ha muito que se despediram de nós.

A portugueza, quero dizer a nacional, pois que assim pretendem os seus empresarios e a Sra. Lucinda Simões, tambem nos deixaram e estão actualmente na bella cidade de S. Paulo, onde pretendem com toda a razão e justiça colher applausos e mais alguma cousa.

Para consolo do nosso povinho ficaram as companhias do Souza Bastos, no Apollo, a de Faria e Sampaio, no Variedades, e a do Silva Pinto, no Recreio Dramatico, aos quaes desejamos boas enchentes.

—O que nos causou verdadeiro assombro é o annuncio que transcrevemos em seguida d'O Pais do dia 5 do corrente.

THEATRO MUNICIPAL

GRANDE COMPANHIA DE OPERETAS
SILVA PINTO

Direcção do artista HELLER—Regencia do maestro LUIZ MOREIRA

HOJE quinta-feira 5 do corrente HOJE

1ª representação n'esta cidade da grandiosa

revista (em 3 actos e 12 quadros

original de Arthur Azevedo, musica do Nicolino Milano

GAVROCHE

Tomam parte toda a companhia e o grandioso corpo de côros.

GRANDIOSO BAILADO DAS BONECAS

Os bilhetes á venda, por especial favor, na cocheira Congo, á cargo do Sr. Barbosa.

Afinal o Arthur Azevedo deve estar satisfeittissimo; realisou o seu grande sonho: já temos theatro nacional.

O annuncio diz *municipal*, porém é facil comprehender que não póde ser municipal sem ser nacional, nacional sem ser municipal.

Os nossos sinceros parabens ao Arthur!

NOSSA ESTANTE

Reebemos e agradecemos:

REVISTA da Escola Polytechnica—Interessante publicação para os que se dedicam ao estudo de engenharia. Contém, além de varios artigos sobre importantes assumptos scientificos, algumas estampas de mecanica autographadas.

ESTUDO dos assucares—These de concurso á vaga de substituto da secção unica do curso de engenharia industrial, apresentada por Daniel Henninger. Escola Polytechnica.

Nada menos de 123 paginas contém esta these, nitidamente impressa nas acreditadas officinas Leuzinger.

Muito dá que fallar o tal assucar! 123 paginas!

CONVITE para o baile do Cassino offerecido ao EX. conselheiro Luiz Vianna.

Bellissimo, concorridissimo, brilhantissimo e tudo quanto acaba em issimo!

CONVITES para a audicção musical que se realizou no dia 28 de Setembro no Instituto Nacinal de Musica, dirigido pelo maestro Leopoldo Miguez. Do Derby Club para as suas corridas e do Club do Riachuelo para a récita do mez de Setembro, aos quaes com muito pezar não pudemos assistir.

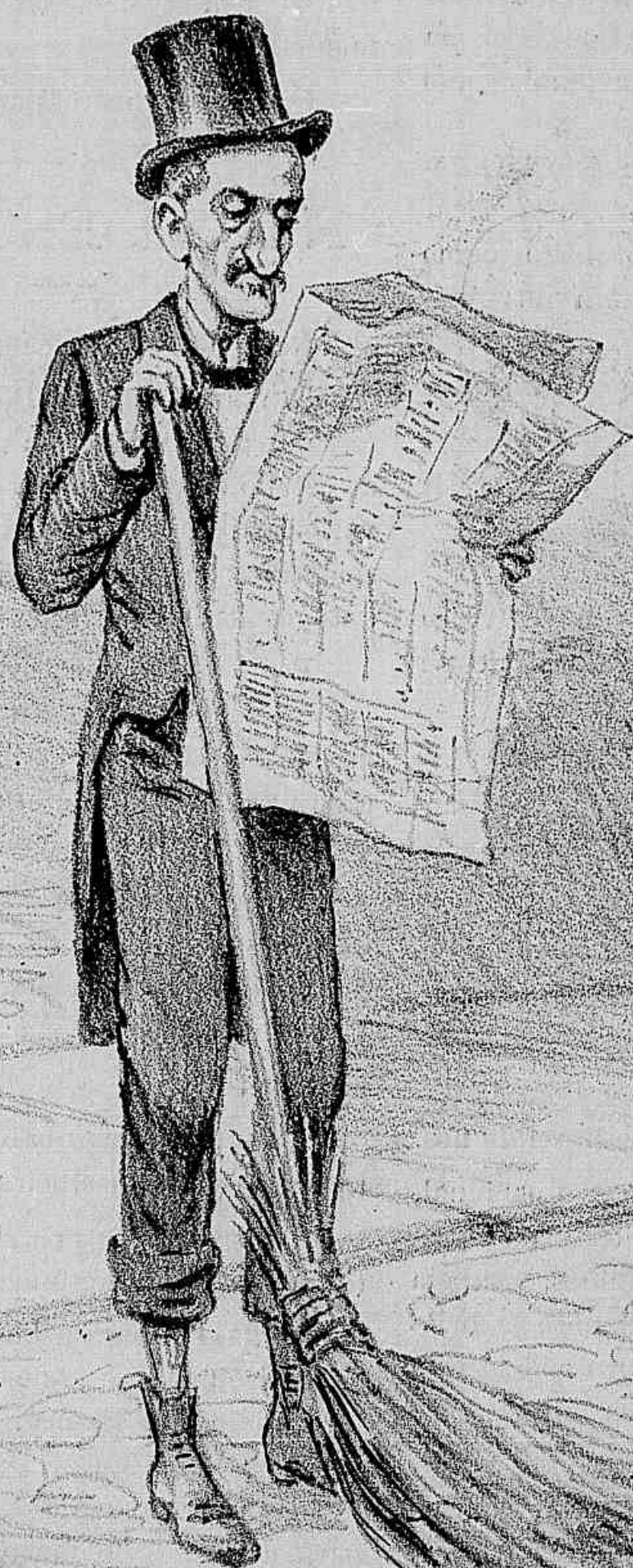
Officina de obras do JORNAL DO BRASIL



- Aqueita, Manoel ! e...
- Biba a Penha !
- Biba !



O general Osorio verificou no dia 5
que a imprensa o esqueceu no dia 4
- O que me consola é que graças ao Gaffrée
e ao Bernardelli eu cá estou em bronze
para ser lembrado por outras gerações
menos ingratas !



A.A.

- Tomei a meu cargo a limpeza da Cidade por ter arreventado a Empresa Industrial; entretanto, a imprensa não está satisfeita! Estou vendo que para contentá-la será preciso eu mesmo varrer as ruas !